

**SABERES E SABORES DO CORPO ESPORTIVO NO TEMPO PRESENTE:
imagens e reflexos do esporte olímpico¹**

Maria Cecilia de Paula Silva²

Resumo: Presente na vida cotidiana, de forma direta ou indireta, no suor que escorre pelo corpo atlético, esportivo, decorrente do esforço realizado ou pelos noticiários dos meios de comunicação. O esporte na sociedade contemporânea estrutura uma parte importante da vida pública. Nos propomos a refletir sobre saberes e sabores do corpo esportivo no tempo presente - sec. XXI, a partir de apontamentos referentes aos jogos pré-olímpicos e olímpicos de 2012 considerados como momento emblemático de uma ação direta, científica, de preparação física, tática e técnica, que aponta uma dimensão simbólica importante, explicitada na esperança da performance de "excelência" - o ouro olímpico. O estudo traz como pontos de convergência falas, gestos e expressões do corpo esportivo de jogadores de alto rendimento, das seleções do Brasil e da França, por meio de entrevistas. Notícias da mídia, imagens dos jogos olímpicos de Londres, observações do jogo pré-olímpico de Basquete em França se tornaram instrumentos de análise. Os resultados se expressam em uma discussão a respeito da educação ampliada nas lentes focadas nos corpos esportivos: os saberes e sabores envolvidos nesta ação pedagógica e refletidos pelas Olimpíadas, em contraposição a outra perspectiva educacional, de formação humana para a emancipação. Criador de eventos, como os Jogos Olímpicos e a Copa Mundial de Futebol, ele promove inúmeros encontros populacionais e manifestações que, de certa forma, indicam determinados ritmos ao tempo coletivo e individual. E ganham contornos singulares, se analisados pelas lentes de aumento da imprensa, do poder estabelecido, da mídia. Constitui-se parte do estágio pós-doutoral, Universidade Strasbourg-FR/ Programa CAPES/COFECUB (2011-2012).

Palavras-chave: corpo esportivo; corpo e cultura; imagem e mídia; tempo presente; Jogos Olímpicos; formação humana; educação.

¹ Esta pesquisa contou com financiamento projeto de cooperação internacional CAPES/ COFECUB.

² Pós-doutorado Université de Strasbourg, FR. Professora Associada PPGE/ FACED/ UFBA

*Knowledge And Flavors Of Body Sports In This Time: images and reflections of
olympic sport*

Abstract: Present in everyday life directly or indirectly, in sweat that trickles down athletic, sporty body, due to the effort or the news media. The sport, structure in contemporary society an important part of public life. We propose to reflect on flavors and aromas of the sporting body in the present time - sec. XXI, from notes relating to pre - olympic olympics 2012 and regarded as emblematic moment in a straight forward, scientific action, physical preparation technique, tactic and pointing an important symbolic dimension, explicit in the hope of “excellence performance”. Olympic gold the study brings as convergence points speeches, gestures and expressions of the sporting body of high performance players, the teams of Brazil and France, through news media interviews, images of the Olympic Games in London, observations of the pre - Olympic game Basketball in France became tools of analysis the results are expressed in a discussion focused on the magnified lens sporting bodies in education - flavors knowledge and pedagogical activities involved in the Olympics and reflected in opposition to a different educational perspective human formation for emancipation. Creator of events such as the Olympics and the Football World Cup, he promotes numerous meetings and demonstrations, population that somehow indicate certain rhythms to the collective and individual time. And earn natural contours when analyzed through the lens of increased press, the established power of the media. It constitutes part of the post-doctoral internship, University Strasbourg-FR / CAPES Program / COFECUB (2011-2012).

Keywords: sports body; body and culture; image and media; present time; Olympics; human development; education.

Esporte E Sociedade

O esporte na sociedade contemporânea estrutura uma parte importante da vida pública por meio de representações e mitologias diversas construídas ao longo do século XX, após a criação dos Esportes Modernos e, em consequência, dos Jogos Olímpicos reeditados pelo Barão Pierre de Courbetin, em 1896. Criador de eventos como os Jogos Olímpicos e a Copa Mundial de Futebol ele promove inúmeros encontros populacionais e manifestações que, de certa forma, indicam determinados ritmos ao tempo coletivo e individual. Presente na vida cotidiana de forma direta ou indireta, pela plateia quase hipnotizada que comparece nos estádios, no suor que escorre no corpo atlético devido

ao esforço realizado ou pelos noticiários dos meios de comunicação e midiáticos, em especial pela imprensa impressa e televisiva.

Diversos estudiosos vêm se debruçando sobre as formas de estruturação e/ou alterações sociais e individuais provocadas pelo esporte como fenômeno de massa - como competição ou diversão - que provoca crianças e adultos, do nascimento à morte, das brincadeiras de rua e jogos virtuais aos jogos olímpicos. Este artigo parte de considerações desenvolvidas no pós-doutoramento, estabelece uma reflexão referente ao corpo esportivo tendo os Jogos pré-olímpicos e Olímpicos de 2012 como variáveis delineadas. O estudo histórico do tempo presente privilegiou fontes documentais, orais e imagéticas e traz como pontos de convergência falas e expressões do corpo esportivo de jogadores de alto rendimento, das seleções de ambos os países - Brasil e França, derivados de entrevistas, noticiários dos jogos pré-olímpicos, realizados em Strasbourg, França e dos Jogos Olímpicos, em Londres, Inglaterra, em julho e agosto de 2012.

As fontes e procedimentos metodológicos que no subsidiam são abundantes nas reflexões desenvolvidas a partir da iconografia, obras literárias, notícias de jornais, oralidade e informações de sites, peças publicitárias, revistas, além de entrevistas com jogadores e equipe envolvida na preparação e efetivação do espetáculo esportivo denominado Jogos Olímpicos. A diversidade de fontes exigiu-nos uma seleção apurada de informações para a análise dos documentos - os pesquisados e os produzidos constituindo-se em pesquisa qualitativa. Nesse artigo apresentamos parte da pesquisa realizada.

Lançamos mão da história oral e iconografia, pois ambas apontam potencialidades interpretativas como objetos da memória, traduzindo como qualquer documento de história, concepções e conflitos existentes. Estes registram determinados sistemas de representações sociais e apontam uma dimensão estética significativa. Intencionamos, com isso, contribuir na discussão deste campo do conhecimento, partindo de interpretações relacionadas ao presente histórico.

O fio condutor é a compreensão de corpo esportivo como aquele preparado, como Hércules, para as provações da vida. Nesta perspectiva, a indagação sobre os saberes e sabores do corpo esportivo ganha a centralidade do olhar. Foram

entrevistados jogadores da seleção de basquete da França e do Brasil e equipe técnica. Seguindo a norma ética, os nomes dos entrevistados foram preservados. Para efeito de exposição optamos pela seguinte organização: uma possível compreensão a respeito de saberes e sabores do corpo esportivo, bem como algumas relações entre culturas ocidentais por meio da história do tempo presente e suas fontes privilegiadas: oral, imagética, documental (periódicos impressos e on-line).

Os resultados se expressam em uma discussão a respeito da educação refletida nos corpos esportivos, os saberes e sabores envolvidos nesta ação pedagógica perspectivada pelos Jogos Olímpicos e aproximações e distanciamentos da perspectiva de formação humana para a emancipação. Isso porque, o esporte promove formas educativas específicas que refletem, de certa maneira, estruturas e encontros sociais inusitados. Relevante por contribuir com o atual debate sobre o tema do corpo e cultura considerando o esporte como um dos aportes culturais para uma perspectiva de formação social, ao potencializar as reflexões a respeito da sociedade e educação, focando em algumas das lógicas que a move no século XXI.

Neste amplo espectro refletido pelas lentes de aumento das mídias os jogos olímpicos ganham outros contornos, ao se pensar a coerência esportiva e as perspectivas éticas do esporte e da lógica anunciada. Assim, nos propomos a refletir a respeito dos saberes e sabores do corpo esportivo no tempo presente, tendo como ponto de partida os jogos pré-olímpicos e olímpicos que, junto a uma ação direta e "científica" da preparação física, tática e técnica, nos aponta uma dimensão simbólica importante, explicitada na esperança de realizar performances de "excelência", que resultem, inclusive, na medalha de ouro. Para efeito de exposição optamos pela seguinte organização: uma compreensão do esporte olímpico no tempo presente, apontamentos sobre saberes e sabores do corpo esportivo; possíveis relações entre as culturas ocidentais, França e Brasil.

Dos caminhos e das fontes

Ao situarmos o tempo presente, como marco temporal desse estudo, adentramos no campo de uma pluralidade de fontes e procedimentos de pesquisa como forma de

estabelecer interlocução como o presente histórico, marco temporal da pesquisa, o que nos aproxima dos acontecimentos. Neste sentido, as memórias dos acontecimentos e dos processos tornam-se pontos fundamentais para a construção de conhecimento histórico. Esta aproximação sugere e nos leva a um diálogo com diferentes áreas do conhecimento, caracterizando uma diversidade e conferindo relevância e potencialidade ao tema.

A compreensão do presente nos impulsiona à mentalidade, intimamente associada à personalidade e também à vida de Marc Bloch, historiador francês que, juntamente com Lucien Febvre contribuíram para a história econômica e social, com a Escola de Annales. Foram deles as primeiras viagens pelo presente como história. Não só a noção de mentalidade como também é importante destacar o que podemos chamar de crítica à razão histórica, questão fundamental para a concepção de história. A Escola dos Annales, com o gosto pela modernidade se traduz como o início concreto da primeira presença do que hoje denominamos de história do presente, essencialmente em seus aspectos socioeconômicos. No início com análises hiper-contemporâneas, foram considerados uma espécie de mito historiográfico, por apresentarem uma “clarividência” da crise econômica que se instalou na França na década de trinta do século vinte.

Estamos tratando, de certa forma, de um fenômeno social que atravessou todo o século XX e, no século XXI, representa um movimento político, social, esportivo, carregado de simbologia e de intenções. Para Hobsbawm, o século vinte conviveu com a revolução da ciência e da tecnologia, “que transformou antigas maneiras de ganhar a vida antes de destruí-las, da sociedade do consumo de massa gerada ela explosão do potencial das economias ocidentais, e da decisiva entrada das massas na cena política como consumidores e eleitores” (HOBBSAWM, 2013, p. 13). Nestes tempos, o fenômeno se globaliza. Para o autor, este momento é historicamente inédito, momento em que a vida está imersa em experiências universais, graças ao desenvolvimento de uma economia técnica e industrializada, abundantes e preenchidas de informação e produção cultural – de memória, imagem, palavra, som e símbolos.

Os Jogos Olímpicos se situam em um quadro de referência construído coletivamente e no qual encaixamos nossas próprias experiências, um quadro de referência da história contemporânea, um fenômeno social. Ao se referir ao presente como história Hobsbauwn (1995, p. 104) nos informa que a história do nosso próprio tempo “supõe que uma experiência de vida individual é também coletiva. De certa forma, isto é obviamente verdadeiro, ainda que seja paradoxal”. Ao elucidar o paradoxo, o autor questiona como seriam definidos esses marcos aceitos por consenso.

A esta indagação, Henry Rousso (2009) responde que, como a investigação é do próprio tempo, com testemunhas vivas e memórias que podem ser individuais, sendo coletivas, a compreensão sobre uma época não é a de um passado distante, e sim a de uma experiência da qual se participa com muitos outros indivíduos e, assim, os marcos seriam consensuados pela importância de determinadas ações. No entanto, ao situar nosso lugar como de participantes do debate, sinaliza que deve-se “sempre colocar-se à distancia. Dentro do debate, mas com o recuo necessário”(ROUSSO, 2009, p. 209).

A história do tempo presente anuncia a proposição de que não devemos considerar somente a história do mundo que se realiza. O objetivo é de produzir uma história de nosso tempo por meio de reflexão que contemple diversos argumentos, pois, por ser muito próxima ela se torna, igualmente, muito polemica. Este estudo do tempo presente traz como pontos de convergência falas, gestos e expressões do corpo esportivo de jogadores de alto rendimento, das seleções do Brasil e da França, por meio de entrevistas, noticiários e imagens dos jogos olímpicos e pré-olímpicos, ocorridos em julho e agosto de 2012 Strasbourg, França, e Londres, Inglaterra.

Diversos estudiosos, entre eles o historiador inglês Peter Burke, em seu estudo *Testemunha Ocular* (2004), desenvolve uma linha de pensamento que demonstra o poder da imagem, fonte de investigação de acontecimentos e situações. No sentido de sua construção histórica ideal e em sua constituição real. Nesse contexto, a imagem pode tanto ressaltar algum aspecto da realidade como também criar outra imagem do real. O autor ressalta que, por vezes, fatos e personagens históricos podem construir documentações, que podem ou não serem reais, ou melhor, as histórias podem ser contadas ou modificadas como no caso de obras de arte como as pinturas de Ticiano

que, possivelmente, para encobrir deformidades, modificaram a aparência de personagens pintados, como rei, papa, príncipe.

Burke sinaliza-nos um necessário debruçar nas imagens, não só para produzi-las, preocupação da sociedade, mas para lê-las, descobrir o que seus enunciados imagéticos, simbólicos impactam e afirmam. Imagem, aliás, que antes do registro escrito muito nos serviu como forma de registro e comunicação. Esta será nossa intenção: a leitura das imagens. Outros intelectuais como Marc Augé, Georges Didi-Huberman, Umberto Eco e Walter Benjamin, em seus escritos sobre a experiência das imagens na sociedade, da mesma forma, mas sob a perspectiva de suas áreas específicas, aludem a imagem como forma de apreciar e analisar a condição humana criticamente, em contraponto com um consumo acrítico das imagens.

Consideramos neste trabalho a importância das imagens para se conhecer melhor a história e o tempo presente sem, entretanto, desconsiderar o documento escrito, mesmo com a ambiguidade que podem suscitar as diversas formas de leituras, o testemunho ocular que ela produz. E aqui apreendemos a perspectiva de trabalhar o corpo esportivo trazendo a exposição e consideração imagética, da mídia para os refletores do espetáculo esportivo e, num ângulo mais ampliado, para os refletores da sociedade no tempo presente.

Espectros de um corpo esportivo no tempo presente: o Ideal?

O certo é que o esporte e, em especial o esporte olímpico, ocasiona um intervalo na sociedade, promove o encontro de desconhecidos para assistir e comentar os jogos, por diversos meios, seja ao vivo, na televisão, na internet, entre outros. Além desse encontro, invade a mídia, preenchendo o noticiário diário nos diversos meios de comunicação. Por um intervalo de tempo preciso, limitado, organiza a lógica social e promove a relação de povos em conflito de forma momentânea (como um atestado de trégua). Os jogos olímpicos, por sua vez, por um tempo preciso e limitado organiza a lógica social ao ponto de 'suspender' momentaneamente conflitos entre povos (uma

'trégua' provisória). No espectro esportivo, os jogos ganham um contorno singular, que é multiplicado pela mídia.

Por outro lado, fora da imagem espetacular, o esporte também ganha outra roupagem e, nesta mais light, preenche parte da vida social, conforme podemos observar nos finais de semana, seja por meio da prática esportiva para o lazer, seja pelas caminhadas, ciclismo, passeios de skate, patins, de vela ou bicicleta, ou mesmo futebol como prática de lazer, para citar alguns. O esporte pode estimular encontros, como no nordeste do Brasil, o tempo sagrado para jogar o "baba" (tipo de futebol amador), ou as mais variadas formas de lazer – vôlei de praia, frescobol, peteca, corrida, ciclismo, para citar alguns. Pode, outrossim, organizar a vida de pessoas que tem o esporte competitivo sua principal atividade; o seu trabalho.

Muitos antropólogos e historiadores têm enfatizado a relatividade das modernas representações ocidentais, dominadas em especial pela visão médica, que legitima e compreende o corpo por sua mecânica e pela construção anatômica, e tem impulsionado a reflexões sobre a representação simbólica do corpo, conseqüentemente, do corpo esportivo. Maria Cecília de Paula Silva (2009), ao comentar sobre o poder médico no corpo afirma que há um claro aumento da possibilidade de intervenção nos corpos por diversas formas, a exemplo “da cultura da droga, da absorção massiva de esteroides e seus efeitos fisiológicos, ou, por outro lado, pelo remodelamento corporal através da cirurgia plástica, com apliques e retirada dos pontos selecionados, considerados ora pequenos, ora grandes demais para os ditames da moda”. (SILVA, 2009, p. 39).

Formulações que se tornam hegemônicas, conforme o tempo histórico, a região e a cultura. Mas não única, alterando-se conforme a situação dada. Le Breton (2011), argumenta que a história do corpo no ocidente expressa-se, desde o Renascimento, em conformidade a um crescente empreendimento no espectro técnico-científico que acabou por o distinguir do próprio homem e o reduziu a uma versão insólita do mecanismo. E na modernidade, um artifício “faz passar por libertação dos corpos aquilo que não passa de elogio do corpo jovem, sadio, esbelto, higiênico” (LE BRETON, 2011, p. 211).

No presente o esporte ganha uma configuração extraordinária, ao tempo em que expõe os corpos. E, apesar de serem diferenciados as características corporais que modelam os corpos, de silhuetas variadas e até mesmo antagônicas, se considerarmos o amplo espectro de modalidades esportivas, a simbologia do corpo ideal prevalece. Talvez, não somente um ideal, mas alguns que, inclusive, exclui determinadas modalidades esportivas desta lista. Isto por que os esportes apresentam uma diversidade corporal significativa, altamente ligadas às modalidades esportivas e as características e exigências de cada uma delas: força, velocidade, explosão, altura, flexibilidade, etc. Este corpo idealizado e valorizado é acolhido em espaços diversos: academia de ginastica, estádios, complexos esportivos, salas de musculação, parques, praias, outdoors.

Vitor Marinho de Oliveira (2010), estudando o esporte na sociedade atual mostra correspondência entre o esporte e a natureza histórica e social do corpo, “nem sequer conseguimos compreender o nosso próprio corpo, por intermédio do qual se manifestam as práticas esportivas” (OLIVEIRA, 2010, p. 18). E continua enfatizando esse estranhamento esportivo, dado o seu caráter social e histórico de longa data e a idealização do esporte como prática social já ser de longa data; no ocidente, desde a Grécia Antiga, pelo menos, por meio dos alardeados Jogos Olímpicos. Esta incompreensão abre caminho para novas perguntas em contraponto ao conceito de assimilação sustentado por Durkheim entre fisicalidade e organicidade do corpo e da individualidade, que corta o corpo e o mundo ao seu redor, isolando-o, objetivando-o. Por um lado, o corpo é separado, definido pelos limites rígidos e afiados, por outro, é um sinal de membros do grupo e, mesmo, do universo.

Esta separação parece caracterizar a sociedade atual refletida, no mundo ocidental, em espaços sociais de encruzilhadas, denominados por Marc Augé (2003) de entre lugares. Nestes lugares, observamos com clareza esse distanciamento e mal estar com o corpo do outro, conforme expõe Le Breton (2011, p. 210) “o metrô, o ônibus, o trem, o elevador, a sala de espera são as ilustrações proeminentes do distanciamento que atingiu o corpo e do mal-estar que nasce do contato físico que nada simboliza”. E, embora a ampliação das encruzilhadas, dos lugares percorridos diariamente pelo corpo esportivo, a esportivação da vida social, ao tempo em que atenuou algumas diferenças antes muito

mais demarcadas no que se refere ao corpo esportivo, o 'apagamento ritualizado das manifestações somáticas' individuais, autônomas, do sujeito histórico permanecem.

O corpo e seu estranhamento ao outro, ao corpo do outro expõe as distancias e a forma utilizada para se escamotear reações advindas deste contato físico, pelo corpo que rala, encosta ou bate no outro. No cotidiano experienciamos um tipo de ritual em que se flagra uma intencionalidade de escamotear esse encontro da proximidade física oportunizada pelos entre-lugares, ou não-lugares, seja ocultada por uma falsa indiferença em relação ao outro: "os olhares se ausentam, fiéis à conduta de manter nessas condições, preocupadas em não atrair a atenção ou em não incomodar o outro" (LE BRETON, p. 210). Lugares que no cotidiano apontam paradoxalmente aproximações, contatos, distanciamentos.

Os primeiros trabalhos etnológicos haviam questionado a universalidade do comportamento físico, a modelagem e transposição de dados culturais para 'naturais' que a sociedade vai realizando. Para além deste tratamento no corpo real, no que ele tem de mais concreto, mais carnal, pode ser adicionado a questão sobre o que podemos denominar de "corpo ideal", isto é, o conjunto de representações do corpo de uma dada sociedade.

O corpo ideal nos chama atenção em um ponto: o cenário dessas representações não é simplesmente um imaginário mental em que há a evolução do indivíduo de carne e sangue, mas condicionada pelos valores que estão por trás de muitas práticas mais comuns. Atos que tanto parecem obedecer à vontade de justificativas pessoais ou universais e racionais, de forma aproximada podemos citar os cuidados com a higiene, a saúde, a performance, que, são na realidade, em seus equipamentos e aplicações, valores e representações simbólicas. E o esporte atende a esse espectro de forma magistral.

Georges Vigarello (2009) seleciona determinadas características reivindicadas desde as primeiras práticas esportivas para o corpo esportivo, baseadas na força, na coragem e na dominação sustentando que todas essas características serviriam para evocar as qualidades do ser humano objetivando a perfeição. Questiona ainda a suposta superioridade ansiada socialmente; principalmente no universo esportivo. Universo que em seu princípio e, por muito tempo, negou a prática esportiva feminina.

Por este motivo, evocava-se a perfeição masculina: “tanto o vigor, como sua aplicação monitorada, tanto o ‘músculo’ como sua ‘utilização’ moral, a exemplificação dos confrontos, a ‘luta’ de homens valorizados, legitimados por um universo de árbitros e de regulamentos” (VIGARELLO, 2013, p. 270). Neste contexto, se impôs como o âmago da excelência o que a cultura do século XX compreende como viril a educação esportiva, a formação que privilegiava as qualidades eminentemente humanas.

No entanto, com a presença da mulher no esporte, a virilidade foi perdendo sua força de expressão, em certa medida, mas a conserva em outro, quando, por exemplo, exigem as mesmas qualidades do corpo esportivo que o dos homens: força, coragem, engajamento, determinação. Atento aos paradoxos como a hegemonia masculina no quesito prática esportiva competitiva na França (entre os mais de oito milhões de competidores na França, somente 24% são mulheres), a dominância do espaço midiático pelo esporte masculino, entre outros, Vigarello interroga se o esporte atual evidenciaria uma história da virilidade?

O corpo forte, viril, em todo lugar e situação e, em especial, na expressão social do corpo esportivo é apreciado e exposto como sendo o corpo ideal, veiculado por meios de comunicação, expostos em bancas de jornais, programas televisivos, diversos *sites* na net, *outdoors* e etc. E são invejados, não importando a condição individual de idade, habilidade, sexo, porte e compleição física. O modelo apreciado, exposto e procurado sob os auspícios de todos os meios possíveis e desvelado de inúmeras formas permanece impregnado de sentido e de valores viris, masculinos.

Dos saberes e dos Sabores do ouro olímpico: uma história ampliada pela mídia

Como consumidores da grande mídia atual que move o cotidiano das vidas em todo o mundo nos vimos, pelo período dos Jogos Olímpicos e seus precedentes, mergulhados num mar de notícias, imagens e comentários diários, que nos envolvem em momentos sublimes, o de exaltação de esportistas e jogos olímpicos e Pré-

olímpicos. Tratados como super-heróis, celebridades da atualidade. No Brasil, na França e, suponho que em boa parte do mundo.

Se pudermos realçar esta perspectiva ao menos de duas formas: a primeira como espectador, ligados às notícias diárias e a segunda, como intelectual, educador, ou no sentido amplo dado por Marx, formador, que busca, a partir da realidade e sobre condições dadas, compreender e analisá-la, podemos ficar surpreendidos na dimensão que a mídia nos invade e alcança.

O poder da mídia e da imagem ao produzir uma forma de pensar o fenômeno esportivo, a ação ou a compreensão do ser humano neste íterim, muitas vezes, passa ao largo de nossas preocupações ao pensarmos na sociedade atual. Na sociedade, e nas instituições, o esporte afirma a sua identidade e define seus próprios limites. A definição é aproximada à da sociedade em que, à medida que ela se desenvolve vai emergindo sentidos variados.

À medida que o tempo passa, o esporte também se torna diferente na sociedade, para seus participantes e espectadores. No que se refere ao esporte de rendimento eles vem se desenvolvendo baseado em relações concorrenciais para estabelecer padrões de excelência. O esporte no tempo presente participa da sociedade capitalista como negócio e, muitas vezes liderando-os. Portanto, a diferenças na definição do esporte e estas devem ser desveladas. E quais seriam os desafios a partir dessa definição de esporte como negócio?

Num primeiro momento o desafio seria considerar o corpo esportivo pela ótica do empreendedorismo e das conquistas financeiras dele derivadas. O corpo esportivo passa a ser considerado modelo e esse modelo veicula e vende mercadorias diversas. Na época dos Jogos Olímpicos de Londres, presenciamos os corpos esportivos, a imagem dos atletas olímpicos espalhados por diversos campos do mundo. Atletas olímpicos, consagrados no país que estavam a representar, ou mesmo, mundialmente, passam a ser considerados estrelas, heróis, e, em consequência, passam a ser idealizados. Como exemplo, trazemos a imagem registrada e replicada em todo o mundo dos atletas olímpicos franceses, que ao retornarem à França após a sua atuação nos Jogos Olímpicos de 2012, foram, comparados às estrelas cinematográficas A França criou um

‘passeio da fama’ e os jogadores deixaram seu registro nos mesmo, em uma uma cerimônia espetacular, que se aproximava às cinematográficas E, simbolicamente, imortalizados.

Uma imagem que reforça esse ideal de modelo, de ‘estrelas’, de ‘astros’ quando alcançam o mais alto grau, o pódio olímpico, conquistando o ouro para o seu país, ou mesmo, o pódio somente no imaginário social, mesmo sem ter conquistado o primeiro lugar. Isto ocorre porque na simbologia, eles alcançaram o ideal olímpico da Nação Na França, por exemplo, logo após os Jogos Olímpicos de Londres (2012), os atletas ganharam os louros da fama, além dos já ganhos prêmios e ou reconhecimentos olímpicos.

Isto porque o governo francês protagonizou uma ‘calçada da fama’ olímpica e os campeões deixaram suas marcas corporais eternizadas neste lugar, ou, conforme nos lembra Augè, neste entre-lugar, confirmando o papel de ídolo no país. O modelo ideal, o atleta olímpico, o corpo esportivo representando os valores que a sociedade francesa quer perpetuar.

Jacques de France (2011) reflete a respeito do esporte atual e da necessidade posta socialmente para se compreender seu desenvolvimento durante o século XX e início de XXI. Questiona sobre a escolha dos atletas, quem seriam eles, quais seriam os corpos esportivos, construindo uma reflexão diferenciada sobre o mundo dos esportes. Para ele, o esporte é alçado para uma perspectiva multifacetada, considerado uma forma renovada de distração, de renovação de mitos, de catarse da violência social. Seria, igualmente, modelar para educar os valores sociais privilegiados no modo de produção capitalista.

O esporte no tempo presente tornou-se uma marca universal do mundo globalizado, sinalizando tanto para uma sinalização de uma necessidade física, quanto para uma norma cultural do mundo atual. E o corpo esportivo interessa, dinamiza e aponta para modos de existir, de tratar e observar o corpo, entre eles, a imagem exposta e tão aproveitada pela mídia do corpo esportivo - um corpo veloz, forte, dinâmico, competitivo, superador, que responde, de forma análoga, às exigências impostas pela sociedade capitalista.

O corpo esportivo materializado e explicitado nos Jogos Olímpicos, no entanto, trazem em si mesmo, marcas disparas e mesmo antagônicas, se analisarmos com mais calma e distância das lentes de aumento estéticas e, junto a ela, colocarmos algumas questões éticas, formativas, educacionais. O corpo esportivo de alto rendimento, treinado física, técnica e taticamente, com preparações cada vez mais monitoradas pelo saber científico, conduzem e induzem a um modelo corporal que se adequem à modalidade esportiva específica, encarnadas em espectros corporais. Um modelo de corpo e de rendimento que muitas vezes, induz ao doping, já que os parâmetros impostos são cada vez mais, humanamente inatingíveis O corpo idealizado tem que ser dopado para galgar o pódio.

Quando observados dessa forma, detectamos uma dubiedade de expressão – um que ganha a visibilidade midiática - o corpo esportivo: atlético, forte, sarado, ‘perfeito’. E outro, que atesta o corpo flagelado - aviltado, violentado por normas e formas de modelação, de padronização e de controle inimagináveis a pouco tempo atrás. Os escândalos preenchem uma larga margem dessa exposição, da desejável para a indesejável, desde a utilização dos corpos esportivos como vitrinas de um ideal corporal pretendido até o esquadrinhamento e violação desse corpo, de variadas formas (como a exigência de comprovação de sexualidade, a verificação de drogas no corpo esportivo pelo controle antidoping, etc.).

E a droga, o doping é uma droga. Se o padrão dominante legitimado pela medicina criou uma divisão dos indivíduos entre vencedores (o corpo ideal, perfeito, esportivo, atlético) e os perdedores (os demais, simples ‘mortais’), o doping, a curto, médio ou longo prazo, podem torná-los obsoletos ou relegados à exclusão do esporte de alto rendimento, como os Jogos Olímpicos Foi o que aconteceu com atletas flagrados no teste anti-doping, como anunciou o UOL Olimpíadas de 20/07/2012: “Francês dos 3mil metros com obstáculos é suspenso por doping; espanhol também é cortado”. A reportagem continua destacando outro episódio de suposto caso de doping de um atleta olímpico espanhol, antes mesmo dos Jogos de Londres iniciarem. A denúncia do espanhol foi derivada de conversas via net, e-mail que registraram a busca do corredor catalão por substâncias ilegais para conseguir o índice para os Jogos de Londres.

Noticiado pelas agências internacionais em Paris (França) a reportagem anuncia o caso de um francês e de um espanhol pelo uso indevido de doping e, por este motivo, ambos foram cortados das respectivas equipes que iriam disputar em Londres 2012. O ideal acaba por suplantar as concepções racionais, do lícito e do ilícito, o corpo esportivo sucumbido ao ideal midiático, ao poder do simbolismo de ser campeão. Entretendo, o corpo esportivo, compreendido como objeto faz parte das novas interpretações corporais.

Entrevistando atletas franceses e brasileiros de basquete masculino, nos jogos pré-olímpicos de 2012, em Sstrasbourg, França, evidenciamos a sobrevivência de crenças que envolvem um projeto de performance esportiva máxima, de corpos perfeitos para enfrentarem o combate e, se possível, saírem do mesmo vitoriosos. Por sua vez, as entrevistas com os preparadores físicos da seleção masculina de basquete, do Brasil e da França, dias antes dos Jogos Olímpicos de Londres 2012, demonstram o intenso e rigoroso treinamento submetido aos atletas para melhorar a performance nos Jogos Olímpicos, visando o ouro olímpico. E este treinamento ilustra de forma exemplar um suposto domínio sobre o corpo e seus movimentos: cronometrando seus gestos, ritmos, força, atenção, totalmente diferentes das nossas.

Traços marcantes ao se considerar mecanicamente o corpo esportivo, especialmente em expressões utilizadas que, embora diferenciada por culturas específicas, revelam práticas semelhantes, na concepção de corpo anunciada. Assim, a gestualidade humana trabalhada nos treinos é revelada não somente pela educação dos movimentos específicos e muito especializados do esporte, como também, de uma forma bem sutil, à aculturação. Neste ínterim, sobressai, nas falas, a relevância dos aconselhamentos ligados à medicina, buscando afastar-se do saber popular e, em consequência, se aproximar do conhecimento científico, para raciocinar cientificamente.

A leitura deste corpo no tempo presente proposto e sustentado socialmente é de um corpo espetacular e, junto à cultura de massa é apresentado de uma forma modelar, exemplar em variadas formas e biótipos, próprias de cada modalidade e de suas exigências específicas. E, na leitura da mídia, o corpo esportivo torna-se o belo, modelo que inspira a muitos a assistirem os jogos olímpicos. A contraposição presente passa a ser entre o saber e o sabor do corpo esportivo e a sua lógica antagônica de se alienar de

seu próprio corpo-sujeito para ser considerado como objeto, corpo-objeto a ser manipulado, e remodelado, conforme as exigências sociais.

Dos sabores e dos saberes do corpo esportivo: sobre ética e estética

O site do Yahoo de 01/08/2012 estampa a seguinte manchete: “O que você deve acompanhar nos Jogos Olímpicos - 01/08” em que, de forma incisiva sugere os “melhores jogos olímpicos para assistir neste dia. E entre as diversas sugestões, sobressai o jogo de vôlei feminino do Brasil X Coreia do Sul (18h) - que podemos trazer para nos ajudar nesta reflexão. Para justificar esta opção, o jornalista comenta sobre a campanha das duas equipes e finaliza com este comentário (destacado do restante do texto, centralizado, com letras maiores, em negrito): “Você pode não entender as regras, mas vale pela beleza das atletas”. Interessante notar que no comentário sobre os jogos, o que importa, independente do jogo, são as jogadoras e a sua beleza. O jogo de vôlei feminino consta na lista, não por ser uma boa opção ou por ser um bom jogo, mas sim pelo destacado em negrito “você pode não entender as regras, mas vale pela beleza das atletas”.

A mesma matéria segue com outra pérola de sugestão: Hóquei feminino - Alemanha x Coreia do Sul, no seguinte comentário: “Acompanhar hóquei na grama não é tão agradável, apesar de ser um esporte com belas jogadas e atletas mais bonitas ainda. E é por este motivo que vale acompanhar”. Novamente, justifica-se a sugestão não pelo jogo, e sim pela beleza das jogadoras. O corpo esportivo, feminino e belo, expressa a exuberância das formas e ressalta esta partida como imperdível, mesmo que não entenda as regras do jogo, mas fundamentalmente pela beleza das atletas.

Os Jogos Olímpicos com as sensacionais exaltações do corpo ideal, evidenciados por reportagens que os aproximam, como uma encenação da vida real, refletindo esses novos tempos. O tempo em que quase tudo vale para se chegar ou se questionar o pódio. O espetáculo esportivo transmitido nos Jogos Olímpicos de 2012 destacaram esses aspectos em detrimento de outros que, embora pouco divulgados, estiveram muito

presentes nos mesmos Jogos, o corpo esportivo lesionado ou drogado. Esse últimos, inclusive, quando ganham a lente da mídia, retratam o arrependimento ou uma história de derrota.

Essa síntese imagético textual proposta pela análise de conteúdo aponta a diversidade e obriga-nos a um modelo de perfeição, um corpo esportivo idealizado para cada modalidade esportiva. Idealizações diferentes. Incita-nos igualmente a uma lógica de obediência e treinamento constante a determinadas formas de agir e de se portar, a determinadas posturas que, ao tempo em que nos molda, promove o distanciamento de si mesmo. No depoimento do ciclista chamou-nos a atenção como o treino específico para o alcance do corpo esportivo olímpico, ideal, o levou à fuga de si mesmo, a uma alienação permanente dos seus desejos e de sua vontade e a se drogar pelo desespero de não mais alcançar o pódio olímpico.

O desejo da vitória é de muitos, como a pequena história contada da atleta brasileira de judô, uma mulher do povo que chegou a vender sanduíche na praia para viver e que acaba, nos holofotes dos Jogos de Londres, elevada à fama, exposta como vida modelar, ideal. E enfatiza no final o essencial: que ela consegue o melhor lugar, o sonho olímpico, seu objetivo. O esforço de uma mulher que se empenha para conseguir o ouro olímpico, passando por humilhações constantes, algumas vezes dos próprios treinadores e federação específica. O sabor de saber que superou os obstáculos econômicos e sociais, como também os relativos às questões de gênero, pessoais. No entanto, uma alteração no tempo presente sobressalta aos olhos: o destaque imenso à beleza e estética corporal.

Os belos corpos são também muito apreciados, desejados, saboreados pela mídia impertinente, como o caso da atleta sul-americana que, embora seja atleta olímpica, saltadora, está muito longe de qualquer índice olímpico e da disputa por medalhas. No entanto, a sua exposição de sua imagem é imensa e há um certo endeusamento da sua beleza e perfeição física como sendo por si só, um prêmio olímpico.

O desenvolvimento tecnológico aliado à globalização da forma esportiva de ser e do corpo esportivo nos apresenta um lado maravilhoso, de vitórias, recordes, e alcance dos objetivos com eficácia e eficiência, muito explorado pela mídia, como um outro,

oculto, invisibilizado, que envolve tanto o negócio que o acompanha, como os danos dele decorrentes.

O status especial de campeão inevitavelmente gera, em contrapartida, uma série de excessos. Desde que surgiu, no final do século XIX, o esporte moderno tem sido objeto privilegiado de interesse político e econômico; e no presente, um dos principais interesses das políticas sociais.

O atleta 4, demonstra essa cobrança pelo resultado, pelo ouro olímpico e o incomodo dele advindo “as pessoas me assistem trabalhando, e é pelo trabalho que eu apareço. Infelizmente, se você "googar" meu nome na internet, verá que eu também fui evidenciado em notícias sem importância ou fofquinhas desnecessárias, que comprometeram de certa forma meu próprio desempenho, assim como um desgaste imenso”. E continua: “me cobravam meu empenho simplesmente porque havíamos perdido um jogo, ou mesmo campeonato, mesmo que tivéssemos dado tudo no jogo. Nestes momentos, me sentia um objeto, as pessoas me maltratando, teve uma aí que foi bizarra...”. Mas, apesar de toda a cobrança esse atleta enfatiza, “permaneço fixo na seleção desde 2008, quando comecei, porque trabalho, trabalho e trabalho. Isso, eles esquecem” (atleta 4). O corpo esportivo exige determinada modelação, a ideal. A esta determinação liga-se, ao mesmo tempo e de forma direta a questão da necessidade de abandono do corpo real. Esta obrigação de se enquadrar a determinado modelo se reflete nos sabores da vida de forma direta, a exemplo, da alimentação que tem que ser escolhida não mais pelo sabor e prazer que provoca, e sim pela quantidade e qualidade de proteínas, vitaminas e outros elementos que contribuem à performance desejada.

Esta situação leva, inúmeras vezes, a abolição dos desejos e da vida em si. Ao ser questionado sobre o sabor do esporte de alto rendimento, o atleta 3, francês, recém saído de uma lesão muscular importante, que o tirou por cerca de três meses da atividade esportiva e dos campeonatos, descreve assim sua rotina de treinamento para não perder a forma física: “é exaustiva. Tinha momentos em que achava que perderia a respiração; pensava mesmo estar em uma Guerra, num regime de caserna, militar mesmo.” (atleta 3). Importa aqui observar que esta força, utilizada igualmente em outros treinamentos, como o militar, induz à uma alienação da sua própria vida. Evidencia-se

que o regime denomine-o de ‘militar’, de forma diversa, atinge o indivíduo, além de se adequar às culturas específicas.

Com o desenvolvimento social e a globalização, a atividade esportiva passou a ser considerada um negócio lucrativo. Particularmente, o status de campeão gerou uma série de excessivos excessos. Um caso curioso anunciado por um membro da comissão técnica da equipe brasileira, que diz respeito “aos esportistas e a sua preparação para a vitória e, por consequência, para a derrota”, apresenta-nos uma pequena amostra de como o corpo esportivo é exposto ao excesso: a esforços sobre-humanos, nem sempre ligados às capacidades físicas de força, velocidade, impulsão, e sim à própria vida social.

"Os atletas estão sendo preparados há vários anos para construir uma equipe bem sucedida. Assim, tanto os treinos físicos, táticos e técnicos são fortes, a estratégia da equipe é forte. Muita pressão. Muito treino, pois eles defendem o país" (informante 1). Cabe ressaltar que há uma aproximação entre a fala da comissão técnica de ambas as equipes, Brasil e França, sobressaltando a relação entre o treino, os resultados e a responsabilidade política.

Este pode ser considerado o outro lado da moeda, como constata Sévin (2011), ressaltando os interesses econômicos que prevalecem no esporte, em especial em espetáculos esportivos, como os Jogos Olímpicos e as Copas do mundo de futebol. Podem ser fonte de prazer, possibilitando saborear o espetáculo o encontro como um local de encontro e alegria, promovendo uma identidade, ou, por outro lado, podem estourar em confrontos que por vezes acabam em violência aberta. O espetáculo esportivo pode ser utilizado para uma questão nacional, tornando-se um meio de difusão nacionalista, e ser explorado por potências políticas e econômicas, como no exemplo dos Jogos Olímpicos de 1936 e seu uso pelos alemães, objetivando reforçar uma suposta ‘superioridade’ racial (sic). Podem ser explorados, ainda, pelas áreas de pesquisa e inovação, levando à manipulação do corpo visando a melhoria artificial do desempenho esportivo. Finalmente, no tempo presente, a nova possibilidade é a ameaça do corpo esportivo pela proliferação de esportes virtuais”. (SEVIN, 2011, p. 113).

Na segunda metade do século XX, a modificação na concepção do esporte e no corpo esportivo se fortalece. O esporte de alto rendimento amplia seu espectro. Constata-se uma popularização dessas atividades esportivas, via mídia. O esporte de alto rendimento ganha relevância e, de certa forma, provoca a ampliação da imagem do corpo esportivo e do esporte espetáculo. De um (ou múltiplos) corpo (s) esportivo (s) idealizados. A imagem do corpo esportivo passa a ser destaque nesta construção social, sendo explorado pela mídia, se configurando em espetáculo. E vitorioso.

Observamos, nas falas dos jogadores que “a pressão, a ambição do país pelo melhor resultado ainda pressiona”, diz um atleta francês, da delegação olímpica francesa em Londres, advertiu antes dos Jogos “Se não ganharmos medalha de ouro, os franceses podem nos culpar.”(atleta 6). Palavras ditas em tom forte, pesado. A cobrança é enorme, pela excelência dos gestos corporais e perfeição de jogadas”. Quando questionado sobre o sabor do esporte em sua vida, afirma, sem excitação, que é um sabor doce, prazeroso, “como um delicioso chocolate” quando ganhamos. Mas se perdemos, fica um amargor na boca por vários dias” (atleta 6).

E dos saberes? Quanto aos saberes, os atletas são enfáticos em se declararem: “Nós concordamos há muito tempo que não nos pertencem totalmente.”(atleta 1). Suas palavras são as de um atleta que ganhou diversos jogos, ganhou mais que perdeu. Um atleta que se esforçou muito e que considera fundamental todas as etapas do treinamento. Para a sua preparação, afirma ter ficado isolado do mundo, dos problemas familiares, da sociedade. Um atleta francês, chegou a comentar que no período final de seu treinamento, ele ficou tão isolado das notícias, que nem fazia ideia de que sua avó tinha morrido e, numa lógica de alienação continua afirmando “que foi melhor assim, pois temos que pensar em muita coisa”(informante 8).

Esta é uma história perturbadora. A dedicação exclusiva aos treinos, a ponto de se alienar do mundo, do tempo presente. Outro atleta, quando questionado sobre os sabores do esporte em sua vida opinar que “eu não ousaria pensar em coisas como o prazer da felicidade sem ter o esporte junto, pois minha vida tem sido, quase exclusivamente, aos treinos. Saio morto dos mesmos”, disse-nos o informante 1. Este e outros exemplos, talvez menos evidentes, mas igualmente reveladores, dessa enorme pressão sofrida pelos atletas de alto rendimento, substanciam uma forma de educação coludente que

parece ser hegemônica no esporte olímpico atual. Aos atletas, se impõe um ritmo de treinamento muito forte, buscando a excelência de performance para a competição. Por outro lado, e quase inevitavelmente, pode causar dano físico ou, mesmo, psicológico.

Em meio a essas constatações, a formação de celebridade em um evento dos Jogos Olímpicos, indicamos a perpetuação de um ciclo vicioso de comunicação de massa que aliena quem está em casa e endeusa quem está na tela - no caso os atletas olímpicos com seus corpos perfeitos, esportivos. A abordagem midiática com as imagens destes corpos que se tornam famosos durante o espetáculo esportivo afasta, de certa forma a possibilidade de se aceitar a enorme diversidade corporal, e distancia cada vez mais o corpo esportivo de uma lógica que humanize os corpos esportivos, os sujeitos históricos. A cada recorde batido, a cada ouro conseguido, o modelo ideal fica mais distante e torna-se difícil a compreensão do corpo humano, comum, pleno de limites e repleto de possibilidades não mensuráveis, não expostos a cálculos, medidas, parâmetros externos, modelos sociais.

Uma outra lógica é necessária e algumas respostas demonstram esta certeza. Em especial, quando questionados sobre os saberes e sabores do jogo esportivo, muitos colocavam contraditoriamente a questão do saber e sabor do esporte “apesar do esporte, ele é maravilhoso, mas as pressões são muitas; é um trabalho árduo, difícil. Por mais que se saiba e se pratique, mais se tem que saber e praticar.” (atleta 8). Em certo momento, o atleta em questão afirma que “para superar essa situação, talvez fosse necessário mudar a lógica. Da competição acirrada aos valores de um jogo coletivo, é, como dizer, da competição feroz para um jogo menos competitivo, mais colaborativo (atleta 8).

Esta, entre outras formas, pode ser considerada proposição de superação da modelação corporal, do padrão que faz das pessoas bonecos de si mesmos, que acirra discórdia, promove adversidade, competição cega, etc. Silva (2009) sugere que a possibilidade e mesmo em casos como este, a necessidade de superação vem a confirmar nossa proposição corpórea de sujeitos históricos, “temos que tomar consciência dos mecanismos que nos alienam e nos (con) formam a uma imposição social para podermos realizar nossa vida” (SILVA, 2009, p. 151).

Para tal é necessário algumas rupturas. Rupturas com modelos pré-estabelecidos e reiteradamente impostos pela mídia, pela escolha de determinados modelos de corpo, pela modelação de ações e de modos de vida, que indicam a reprodução de uma ideologia própria da sociedade capitalista. Uma proposta que aponte possibilidade emancipadora, que considere o corpo humano, sujeito de sua história, que promova uma interação com seus limites e possibilidades e com o mundo ao seu redor de modo mais integrado, que possa quebrar essa mística do vencedor a qualquer preço que ronda a sociedade atual, que possa não obter êxito sempre e que não seja culpado e discriminado por isso.

Dos saberes e dos sabores: considerações

Este artigo, parte de considerações de um estudo histórico, com ênfase na pesquisa documental, oral e imagética como pontos de convergência e os gestos e expressões corporais para atletas de alta performance, como pontos de convergência das seleções de basquete masculino de dois países, Brasil e França, a partir de entrevistas, observações e imagens do pré e dos Jogos Olímpicos, em 2012. O esporte no nosso tempo, em início do séc. XXI, apresenta-nos um universo cultural mais competitivo e complexo do que o apresentado, em fins do século XX, principalmente, se comparados à cultura do lazer no tempo presente. O corpo esportivo aparece envolvido em um trabalho permanente, sendo requalificado e comportamentado em treinos permanentes. Condicionado a uma longa e rigorosa trajetória de treinamentos, visando a superação dos limites físicos, mentais, atitudinais. Jean-Marie Brohm (1976) havia sinalizado para esta alteração e aprofundamento do sentido do corpo máquina.

Esta ação que aprofunda e sobrecarrega o trabalho do trabalhador esportivo, acrescidos da subordinação a regras das instituições esportivas e a falta de representação nas instituições esportivas de nível profissional, além de aumentar a sobrecarga de trabalho, aprofunda a perspectiva da concepção do corpo objeto. Nestes termos, concluímos que o esporte de alto rendimento, e no caso dos Jogos Olímpicos, se distanciam de uma perspectiva de compreensão do esporte como lazer, ao tempo em que

aproxima o fenômeno esportivo da lógica da idealização corporal, do corpo objetivado. Dessa forma, há um rompimento entre a perspectiva do esporte de rendimento com o lazer e, paradoxalmente, o fortalecimento desses laços, se considerarmos a busca crescente ao corpo esportivo idealizado, num e noutro caso.

Os modelos, transformados em heróis do século XXI, na França, Brasil e quiça em muitas outras partes do mundo, trazem a discussão sobre o que se considera herói, campeão. Não mais vem à cena, na nossa imagem, os seres humanos comuns, trabalhadores diários, os nossos pais e mães, nos mesmos. A imagem expressa como pública, necessária, e mesmo adorada é a do herói, aquele que se coloca no alto do pódio, que se torna modelo, para as crianças, os jovens, para toda a população, porque alcançam os valores corporais exigidos pela prova olímpica. O que está em jogo é o corpo esportivo exposto pela mídia, e também, em medida talvez desproporcional, sua vida social, suas conquistas materiais, seu pódio imaginário. Os louros da gloriã são valorizados, e o interminável trabalho para o atingir fosse desconsiderado, descolando os heróis, atletas da realidade, o corpo esportivo do ser integral, da própria humanidade.

A mídia, ao explicitar determinado feito e forma de viver e ocultar outras que levaram ao final olímpico, como os intermináveis e pesadíssimos treinamentos, os caminhos escolhidos que levam a renúncias intermináveis, o desgaste necessário que apresentam um vigor corporal e esconde uma tortura corporal advinda de treinos extenuantes. Certas escolhas são feitas para que ao expor determinado ângulo da imagem, aumentando o foco para certos aspectos, ocultar outros, alienando-nos da compreensão da realidade como totalidade. Podemos questionar a escolha pelo endeusamento de vidas e situações como se fosse possível uma existência dos sonhos. De fato, essa situação exposta e aproveitada pela mídia oportuniza a venda, impulsiona o mercado e, na sociedade capitalista, nada melhor que isso. A propaganda do corpo esportivo passa a ser a alma do negócio.

O corpo exposto ora pela sua beleza, ora por sua fragilidade; mostrando o flagelo a que é exposto ou as alterações postas e impostas por meio de exaustivos treinamentos, inúmeras e específicas seções de musculação, dieta alimentar específica, imposição de horas intermináveis de treinos físicos, técnicos, táticos, além do esquema estético elaborado que propõe e, muitas vezes, impõe outras manobras, obras e implantações e

modificações corporais, como prótese de silicone, tatuagem, entre outros. Uma mistura do exorbitante com o flagelo, do enxuto com o erótico, das alterações provocadas por diversas formas que deixam o corpo em um estado de permanente mutação, construção, reconstrução.

Romantiza-se os corpos esportivos - atletas olímpicos - e os ligam a carreiras bem sucedidas, transformando-os em celebridades, e colocando-os em patamares de perfeição para os espectadores boquiabertos ao espetáculo proposto, alimentado, reforçado. A ideia de uma celebridade, de um corpo perfeito, da perfeição, enfim, de fato vende e, portanto rende. Os saberes do corpo esportivo, desenvolvidos e muito aproveitado pela mídia, são inúmeros e tao lucro porque, de certa forma isso nutre uma ideia romântica de sucesso para a população comum, que não consegue os índices definidos como ideais, perfeitos, mas que alimentam esse sonho, como espectadores do espetáculo da vida perfeita e feliz.

Há, de outra forma um oposto, uma variação do próprio corpo esportivo e que nos mostram um sabor nada agradável de se ver, de se saber, de sentir. Imagens da vida real que, flagradas de modos vários, de forma bastante diferenciada, fica distante da lente midiática. Ao serem expostas, muitas vezes como escândalos, ganham sim uma diminuição de sua exposição até o esquecimento, a total desconsideração da mídia. Casos que chamamos atenção pelos sabores provocados – pouco desejados. Os tops, os corpos esportivos que se encontram nesta situação podem ser expostos a formas várias - falta de alimentação, uso diário e constante de drogas, decadência de suas intenções muitas vezes por medo de perder o lugar de destaque, o pódio tao sonhado.

No entanto, ambos modelos de imagem são exemplos e exemplares do corpo esportivo dos Jogos Olímpicos no século XXI. Ao lado de campeões destacados estampam outros, drogados. Ao lado do pódio olímpico, o limbo social. Mas ambos podem nos ajudar a compreender um pouco do tempo presente, da sociedade do espetáculo. Os corpos espetaculares dos campeões olímpicos, alguns inclusive que nem chegam a serem contemplados com medalhas, mas que ganham outros prêmios sociais, pela sua beleza, pela exposição estética de seu corpo esportivo, e outros ainda,

desconsiderados em seu esforço e tão presos a lógica deles acabem se entregando a elas e por elas são aviltados. Ambos refletem o nosso tempo.

A imagem no tempo presente desempenha um papel de liderança no esporte de alto rendimento com grande investimento empresarial. Atletas investem na aparência corporal, percebendo esta virada cultural. Eles trabalham sua aparência para se destacarem nas imagens e vincular à imagem do corpo esportivo, grandes patrocinadores. Entretanto, conscientemente ou não, esses campeões do esporte espetáculo pagam pesado tributo, considerados como objetos, coisas; produtos, como tantos outros bens em um sistema capitalista desenfreado.

Justificado por seus supostos 'valores universais' para legitimar determinada ideologia política, Os Jogos Olímpicos foram e podem ser ainda utilizados para aceitar o sistema político. Por outro lado, o poder econômico exerce uma pressão considerável sobre o esporte, a ponto de distorcer esses mesmos ditos 'valores universais', para se tornarem um negócio rentável, um espetáculo lucrativo. Uma outra ameaça parece pesar hoje na era digital, uma terceira via, que os esportes virtuais parece abrir. Este é um ponto a ser explorado porque é difícil medir seu impacto. Ao apreciar e acompanhar os espetáculos esportivos, os corpos esportivos, importa não endeusar, não mitificar, não hipervalorizar.

O paradoxo que se coloca é deixar o ser humano num dilema: a consideração do corpo com sujeito, como ser completo, íntegro, integral, e a consideração do ser humano, corpo esportivo como objeto, na busca constante a um (ou muitos) modelos propostos e impostos pela mídia e pela sociedade. O indivíduo comum se perde, passa a ser desconsiderado por esse esquema midiático. E isto na sociedade capitalista, onde a ideologia dominante reforça o poder do indivíduo - não qualquer indivíduo, mas o que coloca a máscara do trabalho e do esforço - como um sujeito do sucesso, os primeiros, que promovem mudanças, nem sempre as melhores.

REFERENCIAS

AREND, Silvia Maria F. MACEDO, Fábio. Sobre a história do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. In: *Rev. Tempo e argumento*, Florianópolis, v.1, n. 1, p. 201 – 216 jan. / jun. 2009. Disponível em <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705/608>. Acesso em 20/06/2012, 10:52h.

AUGÈ, Marc. *Non-lieux: introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris, FR: SEUIL, 1992.

AUGÈ, Marc; DIDI-HUBERMAN, Georges; ECO, Umberto. *L'expérience des images*. Paris, FR: INA, 2011.

BENJAMIN, Walter. Autor de l'a imagen dialetique. Liasse H.K.N.S. In: BENJAMIN, W. *Critique et utopie*. Paris: Payot & Rivages, 2012. (p. 230-249).

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

BURGUIERE, André. Marc Bloch, historiador das mentalidades. In: DEYON, P.; RICHEZ, J-C; STRAUSS, L. (orgs). *Marc Bloch: o historiador e a cidade*. Estrasburgo, França, Presses Universitaires de Estrasburgo, de 1997. (43-55).

DEFRANCE, Jacques. *Sociologie du sport*. 6 ed. Paris; FR: Découverte, 2011.

DETREZ, Christine. *La construction sociale du corps*. Paris; FR: Ed. Seuil, 2002.

GLEYSE, Jacques, BROHM, Jean-Marie. *Sociologie politique du sport*”, *Corps et culture* [On line], n.1, 1995, 04 oct 2004, Acessado em 21 abr 2014, 13: 45 h. <http://corpsetculture.revues.org/275>

HOBBSAWM, Eric J. *Tempos fraturados: cultura e sociedade do século XX*. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

MARZANO, Michela. *Extension du domaine de la manipulation: de l'entreprise à la vie privée*. Paris, FR: Pluuriel, 2010.

MARINHO, Vitor. *O esporte pode tudo*. Sao Paulo: Cortez, 2010.

SEVIN, Lucille; DOUPHIS, Pierre-Oliver. *Le sport, miroir de la société?* Anthologie + Dossier. Paris, FR: Ed. Gallimard, 2011.

SILVA, Maria Cecília de Paula. *Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da educação brasileira*. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, G. *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. 3 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009. (p. 197 - 250).

VIGARELLO, Georges. Estádios – o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, G. *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. 3 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009. (p. 445 - 480).

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, G. *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petropolis, RJ: Vozes, 2013. (p. 269 - 301).

Contato dos autores: cecilipaula@gmail.com	Data de Submissão: 10/06/2014 Data de Aprovação: 14/06/2014
---	--